

MENSAGEIRO

Orgam de propaganda Spiritica

Pedi, e dar-se-vos-ha; buscai, e achareis;
batei, e abrir-se-vos-ha.
(S. Math., cap VII v. 7)

A luz é a fonte da vida.
A verdade é o apanagio da luz.

EXPEDIENTE

Redactor—CARLOS T. GONÇALVES

- Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.
- Escritorio e redacção, rua de S. Vicente n.ºs 13, 21 e 23
- Propriedade de uma associação.

REPUBLICA DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRAZIL

MENSAGEIRO

Manaus, 1.º de Setembro de 1902.

A personalidade de Jesus

Entre o nosso confrade d'O Spiritica Alagoano e a folha clerical A Cruz, de Maceió, travou-se ultimamente largo debate relativo ao magno assumpto da personalidade do Christo.

Deixando de lado a argumentação da folha catholica, o nosso eminente confrade do Reformador, na edição de 15 de Maio, interveio na polemica apenas para rectificar alguns conceitos erroneos emitidos sobre o Christo pelo jornal que defende a causa spiritica em Alagoas. Estamos de pleno accordo com o que diz o orgam da Federação Spiritica Brasileira. Com a devida venia transcrevemos aqui os topicos principaes do seu bello e incisivo artigo, o qual tem a mesma epigraphe do nosso.

Eis esses topicos:

«Agora mesmo vemos novamente a questão debatida pelo nosso collega d'O Spiritica Alagoano, que com excellentes argumentos vai destruindo aquelle ensino, defendido pela folha clerical A Cruz.

«Outro é o nosso fim, que entende unicamente com o confrade mencionado, a quem solicitamos venia para oppôr algumas observações a certos conceitos externados em sua edição de 1 de Abril, os quaes discrepam da verdade conhecida, segundo a Revelação, acerca da personalidade de Jesus.

«Na ausencia de capacidade pessoal, a que alludimos pouco acima, para o conhecimento d'essa personalidade, somente na revelação podemos effectivamente haurir as instruções de que necessitamos, submettendo-as todavia, como, de resto, é nosso direito, ao exame da razão, com cujos dictames precisa sempre se harmonisar a nossa crença.

«Segundo, pois, a Revelação, sabemos que Jesus, cuja perfeição se perde na vastidão dos tempos, é um d'esses espiritos que, ten-

do sempre feito um uso prudente do seu livre arbitrio, jámais falliram, não tendo, pois, luctado, como ao collega se afigura, «com todas as necessidades e miserias da nossa vida» e sentido, «como nós, todas as instigações lascivas inherentes á nossa carne grosseira.» Não. Evoluindo, desde o seu estado de simplicidade e ignorancia—ponto de partida de todas as creaturas de Deus.—sempre no sentido do bem, docil aos conselhos dos seus guias, jámais elle experimentou as vicissitudes grosseiras da materia, e pode assim attingir gradualmente essas eminencias scintillantes de espirito puro, e não purificado, graças ao que lhe foi outorgada a direcção de um mundo—o nosso,—presidindo á sua genese, e acompanhando e impulsionando o progresso, moral e intellectual, da sua humanidade, até agora, como pelo futuro adeante. E de que, ao tempo da formação do nosso globo, já elle era um espirito puro, em communião de pensamento com o Creador, nos dá elle proprio o testemunho na tocante invocação que precedeu de poucas horas a sua entrega aos quadrilheiros—inicio da tragedia do Calvario:

«Tu, pois, agora, Pae, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquella gloria que eu tive em ti antes que houvesse mundo.» (JOÃO, XVII, 5).

«Si, pois, a anterioridade da sua pureza espiritual remonta para além d'essa remotissima época, onde effectuou Jesus as encarnações e reincarnações que ao collega se afigura ter elle tido, para «corrigir-se de todas as fraquezas» e chegar «a adquirir aquelles eminentes dotes com que se apresentou á humanidade do seu tempo?»

Depois da analyse de mais alguns equívocos dados pelo confrade maceioense, conclue o collega do Reformador dando-nos esta promessa, que aguardamos com ansiedade:

«O assumpto exigiria um desenvolvimento que, porém, o espaço de que dispomos não comporta. Limitamo-nos por isto a estes commentaries superficiaes, reservando para outra occasião a analyse de dous pontos importantes, a saber: a natureza do corpo que revestiu Jesus para a sua missão na terra—corpo compatível com a sua immaculada pureza espiritual, com que jámais o nosso organismo grosseiro offerceria afinidade—e a reserva que, a esse respeito, manteve o nosso mestre Allan Kardec em face da Revelação da Revelação, dada a Roustaing, na qual se encontra o assumpto ampla e cabalmente desenvolvido.»

Em nossa edição de 1.º de Maio ultimo, em ligeiro artigo sob o titulo—O Corpo do Christo, nos referimos a este grandioso assumpto, apontando opiniões divergentes, e affirmando que o formidavel problema se acha de pé, sem solução. A resposta do Reformador ao collega de Alagoas veio trazer modificação á opinião anteriormente emitida. Na verdade, a questão é das mais melindrosas, e nestas condições é melhor aguardar que appareçam as legitimas interpreta-

ções, embora com a maior tardança, do que andar a propagar erros. Como bem diz o collega fluminense no começo do seu magnifico artigo—«tanto a sua moral, como a personalidade do Divino Mestre tem sido objecto de investigações que, ha seculos, se degladiam obstinadamente, sem conseguirlhes penetrar a essencia.» No seio da grande comunidade christã, nos seus tres grandes braços Catholicismo, Orthodoxismo e Protestantismo, cada seita particular tem o seu conceito pessoal acerca da personalidade do Christo. Cada qual se reputa de posse da verdade, e neste presupposto hostilisa e amaldiçoa a parte adversaria. Que fazer então para descobrir onde está a luz? Levantar o pensamento e o coração para o céo infinito e beber o conhecimento na fonte pura da Revelação. Eis ahí o que fez o christão spiritica.

Vem a proposito, compulsando as paginas da Historia, fazer ligeira resenha da ingente lucta que, a respeito do magno objecto que nos occupa, travou-se no seio da sociedade christã, logo nos primeiros seculos da propaganda.

Parece que foi o doutor alexandrino Origenes, nascido no anno de 185 e fallecido em 254, o primeiro que escreveu sobre a questão da personalidade do Christo. No livro dos Principios, provavelmente escripto depois de sua ordenação em 230, sustentava elle que Jesus Christo não é filho de Deus sinão por adopção. Ensinou mais doutrinas que o Spiritismo veio confirmar depois de rectificar. Elle cria na preexistencia das almas em uma região superior, de onde ellas vinham animar os corpos terrestres; ellas podiam purificar-se durante a vida e elevar-se á felicidade suprema pela communicação intima com Deus. Ensinava emfim que a alma do homem peccou mesmo antes de estar unida ao corpo, e que as penas do inferno não são eternas.

O concilio de Nicéa, em 325, condemnou estas doutrinas. Por isto, Origenes, apezar do seu ardente zelo pela causa da religião, não foi canonisado.

Em principios do seculo III, Noet de Epheso ou Smyrna reunia em uma só as tres pessoas da Trindade, e contestava a divindade de Jesus.

Sabellio de Ptolomais, discipulo de Noet, não via na Trindade senão tres acções diversas de um mesmo principio, que crea, salva e dá a graça. Esta doutrina contou muitos partidarios na Italia e na Mesopotamia e foi anathematisada pelo concilio de Alexandria de 261.

Nesse mesmo tempo Paulo de Samosata, então patriarcha de Antiochia, ensinava que não existia a Trindade nem o Christo tinha a divindade. O papa Felix I o combateu, e o concilio de Antiochia de 270 o excomungou. Foi elle protegido pela rainha Zenobia, de Palmyra.

Seguiu-se-lhe Ario, o maior representante d'aquellas idéas religiosas. Nasceu elle em Cyrenaica ou Alexandria, no anno de 270. Estabeleceu-se nesta cidade, onde, em 312, começou a ensinar a doutrina de Paulo de Samosata, mais desenvolvida e especificada, a qual se propagou rapidamente. Combatia a Trindade, contestava a consubstanciação do Verbo com o Pae e por conseguinte sua propria divindade, e sustentava que Jesus Christo é uma simples creatura tirada do Nada, mui inferior ao Pae. O concilio de Nicéa, reunido em 325, sob os auspícios do imperador pagão romano Constantino, chamado o Grande pelos catholicos de Roma, condemnou esta doutrina. E, a respeito desse concilio, digno de meditação o que o Conde Camillo de Renesse disse no seu vigoroso pamphletto—*Jesus Christo, seus apóstolos e seus discipulos no seculo XX*. Conta elle que n'aquella cidade se reuniram mais de dous mil e duzentos padres para decidirem sobre a heresia de Ario e sobre a pessoa do Christo. Pronunciando-se a favor do heresiarcha alexandrino mais de mil e novecentos padres, e contra somente trezentos e poucos, o grande Constantino expulsou a enorme maioria pelos meios mais violentos, e a insignificante minoria,—a minuscule minoria,—resolveu a questão, firmando um dogma, que é lei de fé na igreja catholica, e a qual tem até hoje alli permancecido. Foi sempre por taes meios intempestivos que triumphou o bispo de Roma e se constituiu essa seita chamada catholicismo.

Si Ario foi condemnado por muitos concilios, tambem foi defendido por muitos outros padres e concilios. Seu principal defensor foi o bispo Eusebio de Nicomédia. Isto mostra o interesse que despertava a grandeza da causa que então agitava as consciencias religiosas.

Ario morreu em 336, dizendo seus discipulos que envenenado. Depois de sua morte, sua doutrina fez rapidos progressos. Foi ella abertamente protegida pelos successores de Constantino e approvada por muitos concilios. Theodosio, porém, reatando o fio teido por Constantino, tentou fazer prevalecer de novo as decisões do concilio Niceno sobre as dos demais concilios, e perseguiu desabridamente o Arianismo, chegando quasi a suffocal-o nos seus Estados. Os Barbaros, que acabavam de invadir em enermes massas o Imperio Romano, vieram dar um ingente impulso ás doutrinas arianas: ao se fazerem christãos, abraçaram este credo religioso, com excepção dos Francos. Na Italia, teve o arianismo extineção official pela conversão forçada, no anno de 660, de Ariberto I, rei dos Lombardes. A doutrina, porém, ficou sobrevivendo no seio largo do povo, e irrompeu com os Valdenses e Albigenses, nos seculos XI e XII, e por occasião das luctas da Reforma se reproduziu, modificada, em Miguel Servet, Socino, Cellario e outros. O abbade francez Maimbourg, em 1682, escreveu a *Historia do Arianismo*.

Pouco depois da morte de Ario, levantou-se Aecio de Antiochia. Ensinou que o Filho de Deus não é semelhante a seu Pae, continuando assim a tradição de Ario. Foi condemnado por concilios e perseguido pelo poder civil, sob inspiração d'aquellas assembleas. Morreu em 366.

Apollinario o joven, bispo de Laodicéa, nascido em 336, (anno em que morreu Ario), é o chefe de uma nova doutrina sobre Jesus: sustentava que o Christo, ao se

fazer homem, não tinha tomado sinão a alma sensitiva do homem (*psukhê*) e não a alma intellectual (*noûs*). Foi condemnado pela reunião dos padres catholicos, effectuada em Constantinopla em 381, e veio a morrer em 392.

Agora, é a vez de Nestorio, nomeado patriarcha de Constantinopla em 428. Iniciou elle uma phase nova na polemica, já bi-secular, sobre a personalidade do Salvador. Ensinou que ha em Jesus Christo, não somente duas naturezas, mas duas pessoas. Esta doutrina, condemnada em concilios de padres nicenos, propagou-se rapidamente e teve numerosos partidarios no Oriente. Ella subsiste ainda na Persia, em Messul, e em certas partes da India, onde os Nestorianos têm o nome de *Christãos de S. Thomé*. O abbade Doucin escreveu em 1698 a *Historia do Nestorianismo*.

Nestorio, que morreu em 439, tinha começado sua jornada de lucta theologica combatendo o Arianismo e o Novacianismo. Foi então levado a sustentar a doutrina que tem seu nome, mas cujo verdadeiro auctor é Theodoro de Mopsueste.

Este padre, por sua vez, tinha combatido Apollinario de Laodicéa, pelo que foi feito bispo de Mopsueste em 393; mas terminou sustentando a doutrina de Pelagio contra a Graça. Em suas obras deixou os germens do ensino, que Nestorio desenvolveu minuciosamente. Theodoro morreu em 428; tinha sido condiscipulo de S. João Chrysestomo.

O padre grego Eutykhio era arkhimandrita de um mosteiro perto de Constantinopla no tempo em que Nestorio ensinava que ha duas pessoas em Jesus Christo. Veio ao mundo defender aquillo que elle chamava a fé, isto é, o ensino da igreja romana. Mas, descambou na heresia, em 448 começou a derramar uma nova doutrina, que consistia no seguinte: Não ha sinão uma natureza em Jesus Christo,—a natureza divina,—pela qual fora absorvida a natureza humana, como uma gotta d'agua o é pelo mar. Foi condemnado por uns concilios e absolvido por outros. Um dos concilios que o condemnaram, e que esteve reunido em 449 na cidade de Epheso, recebeu o característico nome de *letrocínio de Epheso*, taes foram as desordens á mão armada,—a grossa pancadaria que lá houve.

Eutykhio morreu em 454, com setenta e cinco annos de idade. Sua doutrina tomou então grande desenvolvimento. Subsiste ainda no Oriente, no Egypto e na Abyssinia.

Ella tomou o nome de *Monophysismo* (de *monos*, só, e *physis*, natureza), além do de Eutykhianismo. Os Monophysitas estão hoje subdivididos em tres ramos—*Jacobitas, Coptas e Armenios*.

Theodoro de Pharan foi o autor de uma doutrina deduzida d'aquella. Apoiando-se nella, ensinou que em Jesus Christo não ha sinão uma só vontade. Recebeu o nome de *Monothelismo* (de *monos*, só, e *théleia*, vontade). Foi approvada por muitos padres e teve em seu favor o celebre edicto chamado *Ecthésis* publicado pelo imperador bizantino Heraclio. Combatida, porém, por Sophronio bispo de Damasco, foi condemnada pelo concilio de Constantinopla de 680. D'ahi resultou uma lucta que, por longos annos, trouxe afastados o Imperio e a Igreja. Mais tarde, o Monothelismo fundiu-se no Monophysismo.

Mencionemos, de passagem, que o papa Honorio I, fallecido em 638, em carta dirigida ao patriarcha Sergio de Constantinopla,

pronunciou-se em favor do Monothelismo; pelo que ambos, já ha muito tempo mortos, foram excommungados pelo dito concilio de 680.

A respeito, encontra-se ainda na historia da igreja romana um negocio conhecido pelo nome de—*Questão dos Tres-Capítulos*. São as tres obras theologicas de Theodoro de Mopsueste, Theodoro de Cyrria e Ibas de Epheso, bispos dessas cidades, as quaes continham pontos do Nestorianismo sobre o mysterio da Incarnação e a união das duas naturezas em Jesus Christo. Estes *Capítulos* eram accusados de heresia. Todavia, o concilio de Chalcedonia, de 521, não os condemnou expressamente. D'ahi se originou grande divisão entre os crentes: uns approvavam, outros condemnavam. Emfim, em 553, os Tres-Capítulos foram definitivamente condemnados pelo concilio ecumenico de Constantinopla.

O grande desenvolvimento que no seculo recém-findo tiveram os estudos sobre a historia, trouxe como consequencia, nas investigações das origens das religiões que dominaram o mundo, ainda o dominam e o agitam, a resurreição do pensamento antigo sobre a veneranda individualidade do Christo. O assumpto foi abordado por livres-pensadores e por theologos catholicos e protestantes. São assás conhecidos os trabalhos de David Strauss (1833) e de Ernesto Renan (1863) sobre Jesus. Interessou igualmente a litteratura poetica e romantica. Ahí estão as *Memoarias de Judas de Petrucelli de la Gattina*, o *Martyr do Golgotha* de Perez Escrich, e diversas outras novellas em que a figura do Christo é tratada de frente, ou de um modo episodial, ou incidentalmente, como fizeram Lewis Wallace no seu esplendido romance *Ben-Hur*, Gustavo Flaubert na *Tentação de Santo Antônio*, Theodoro de Wizeva nos seus *Contos Christãos* e Henrique Sienkiewicz no *Sigamolo* e no *Quo Vadis*. Nenhum delles, porem, podia nos dar a solução da formidavel questão que por tantos seculos tem apaixonado a humanidade,—ávida do conhecimento das magnas verdades. O ensino catholico-romano, firmado no concilio de Nicéa, se satisfaz alguma vez, deixa hoje a desejar, e talvez muitos o sigam apenas por obediencia á disciplina exterior da Igreja. O conhecimento intimo da personalidade do grande Nazareno só podia chegar a nós pelo modo por que o tem sido feito, isto é, pela Revelação, como nos diz e provou o *Reformador*. Pela investigação dos velhos textos historicos, pela pergrinação nos logares santificados pela passagem do Christo e pelas lucubrções do espirito e do exercicio da razão, como fez Renan, nada se poderia adeantar. D'ahi os erros do grande exegeta francez sobre Jesus, considerando-o simples filho material do carpinteiro José e de Maria, e cujos factos extraordinarios que praticou, e conhecidos pelo nome de «milagres», tanto o atormentaram, e dos quaes dá uma solução tão lamentavel quão mesquinha.

Só o Spiritismo é que nos poderia levantar a ponta do espesso véo que nos occultava até agora a pura e radianté verdade, e bem assim muitas outras cousas, que passavam por mysteriosas, e cuja indagação para seu conhecimento tantos conflictos levantou entre os homens.

Si hoje aprendemos a conhecer o Christo, que sempre se confessou Filho de Deus, e nunca o proprio Deus—o Sér infinito e increado, que enche os universos com a sua irreductivel grandeza, e com a sua sabedo-

ria e omnipotencia es anima e faz viver.»—no inspirado dizer do confrade fluminense: si hoje a ingente personalidade começa a se nos patentear tal qual é, devemo-la a essa doutrina grandiosa, que Allan Kardec compendiou sob o dictado dos Espiritos de luz que o assistiram, e que invade o mundo por todos os lados, arrastando a humanidade para a universal confraternisação das crenças e dos sentimentos, em uma intima communhão de idéas e de aspirações communs.

A modestia é uma arvore copada que encobre sob suas folhas sabrososissimos fructos. Ella é para o merecimento o que as sombras são para as figuras de um quadro, dando-lhe força e relevo.

NOTICIARIO

Em carta que nos dirigiu o sr. Emygdio Bento Alves, declara elle, que não faz parte do grupo spirita fundado ultimamente na cidade de Parintins, deste Estado.

Encerrou-se a 31 de Março p. passado, diz «A Doutrina»—Paraná—, o concurso aberto em Barcelona pelo medium hespanhol d. Segundo Olivier para o fim de ser provada por qualquer das seitas adversas, a falsidade da doutrina spirita.

O premio, que no começo do concurso contava de 3.000 pesetas, depositadas no *Credit Lyonnais* à disposição de quem apresentasse a melhor these de forma a não ficar-se em duvida sobre a verdade ou o erro spiritas, foi no fim de um anno elevado a 10.000 pesetas e ha cinco annos elevado a 20.000 com um prazo assaz longo que acaba de terminar, sem que um só sabio materialista da culta Europa concorresse ao referido premio.

Considerando essa abstenção da sciencia materialista como uma estrondosa victoria da nossa doutrina, nos congratulamos com o notavel confrade hespanhol por esse triumpho, que o salienta na pleiade dos paladinos do Espiritismo moderno.

E' mesmo para admirar que na Europa, onde as doutrinas materialistas de Buchner, Darwin, A. Comte e outros possuem grande numero de illustrados adeptos; onde o catholicismo romano e o protestantismo tem como columnas verdadeiros luminares da sciencia, não se apresentasse a liça, acudindo ao desafio do medium hespanhol, um só adversario do Espiritismo para provar praticamente que Allan Kardec está em erro.

O *phenomenismo spirita nasceu com o mundo*—é o titulo de um artigo do nosso confrade de *La Fraternidad* de abril ultimo, de Buenos Ayres, que mereceu a justa honra de ser transcripto em importantes jornaes spiritas, entre estes o *Reformador*, do Rio de Janeiro.

O seguinte caso de «Sonho denunciador» é referido pelo *Zeitschr. für Spiritismus*:

Segundo o «Pester Sloyd», o armazem de um Sr. Prager foi violado durante a noite e roubado em charutos, sellos, etc., no valor de 2.000 coróas. O que torna o facto interessante é o sonho do Sr. Prager.

Na noite do roubo sonhou elle que um ladrão entrava em seu armazem e levava charutos. Ao mesmo tempo que dormia, soltava gemidos; sua mulher o acordou, e perguntando-lhe o que sentia, elle contou o seu sonho, e

ambos riram francamente e adormeceram de novo.

De manhã cedo, porém, bateram a porta do Sr. Prager; disseram-lhe que o seu armazem tinha sido arrombado.

Elle levantou-se ás pressas e encontrou uma sentinella de policia diante da porta do negocio. Deu os signaes do individuo visto em sonho, e por elles se reconheceu um malfetor com o qual a policia ja muitas vezes tinha lidado.

Elle reconheceu, alem d'isso, a sua photographia entre as de outros delinquentes.

Pertence ao «Arquivo de Psychiatria» o seguinte caso de «telepathia», narrado por Lombroso:

C. Bruzo, com 37 annos de idade, muito delicado, tísico e nevropathia, tomava a sua refeição, numa villa de Sopega, onde trabalhava como alfaiate. Era no dia 3 de agosto de 1600, ao meio dia; repentinamente cessou de comer e começou a chorar, exclamando em desespero que via morrer sua mãe, que residia em Assi, e gozava saúde até essa data. Não houve possibilidade de o acalmar. Seguiu para Assi, e verificou que sua mãe tinha realmente fallecido de apoplexia, ás doze horas desse mesmo dia.

Os preceitos da moral geram-se no coração; desgraçados os que só o tem na cabeça.

Os principios inmutaveis da moral servem de ponte para se atravessar a torrente das paixões.

JORNAES E REVISTAS

Recebemos na semana finda, os seguintes: *Pacotilha*, do Maranhão; *Comarca*, do Godó, Maranhão; *O Artista*, de Therezina, Piahy; *A Evolução*, de Maranguapé, Ceará; *A Mocidade*, de Caxias, Maranhão; *O Caruaruense*, de Caruarú, Pernambuco; *O Arauto da Verdade*, da Capital Federal; *Verdade e Luz*, de São Paulo; *O Municipio*, de Baturité, Ceará; *República*, de Therezina, Piahy; *A Cidade*, de Sobral, Ceará; *Jornal dos Artistas*, do Maranhão; *Os Novos*, do Maranhão; *Le Progrès Spirite*, de Paris; *A Universal Revista das Revistas*, do Rio de Janeiro; *Luz y Union*, de Barcelona, Hespanha; *O Spirita Alagoano*, de Maceió, Alagoas; *Constancia*, de Buenos-Aires; *Revista Spirita*, do Rio Grande do Sul; *Revista Spirita*, do Porto, Portugal; *Noctista*, da Parnahyba, Piahy; *Electra*, de Curityba, Paraná; *Aurora Social*, do Recife, Pernambuco; *O Astro*, de Baturité, Ceará.

COLLABORAÇÃO

Tres palavras acerca do Spiritismo

E' este o titulo de um folheto publicado pelo reverendo Hamilton, pastor da Igreja Baptista, em Maceió.

Nessa publicação aquelle nosso irmão procura provar que o Spiritismo é falso e está contra as escripturas sagradas, contra Jesus Christo e seus apostolos; dividiu a tal publicação em tres partes, na primeira das quaes elle desfecha o golpe na doutrina da reencarnação, e começa assim: «Em Maceió esta é uma das principaes doutrinas dos Spiritistas. Ha muitos Spiritistas que não acreditam em tal doutrina.»

Em Maceió e em toda parte onde tem chegado a Luz vivificante do Spiritismo, caro irmão, essa doutrina é a que mais tem concorrido para destruir o materialismo, filho do absurdo religioso.

Pretende o caro irmão destruir este foco de Luz e Consolação com algumas contradicções feitas por elle com a mudança de sentido de algumas partes da Biblia e do Evangelho; como por exemplo esta passagem da traducção do padre Almeida que diz: «E' este o Elias que havia de vir» Ora, o irmão diz que este—o Elias—não exprime *individualidade*, mas sim *character*: ora, se o Espirito que havia de anteceder a Jesus para aplainar o caminho e endireitar as veredas, tivesse somente o *character* de Elias, claro está que as prophcias não annunciariam a Elias e dirião apenas: adiante d'Elle irá um Precursor, que será um dos prophetas como este, ou aquelle, etc.

Na mesma traducção, capitulo 17, versiculo 10 em diante diz: «Porque dizem os Escribas que é mister que Elias venha primeiro? E Jesus respondendo, disse-lhe: *Em verdade, Elias virá primeiro*, e restaurará todas as cousas.

Mas digo-vos que *Elias já veio*, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o quizeram. Assim padecerá tambem d'elles o Filho do homem.

O caro irmão diz:—Lembrai-vos de que Jesus ainda tem o corpo em que nasceu e morreu;—e S. Paulo diz: Porém digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção». Ora, isto quer dizer que no reino celeste, onde tudo é espiritual e divino, não póde entrar a materia corruptivel do nosso planeta; nós não podemos deixar o ensino do Apostolo mais esclarecido para seguir o do irmão Hamilton.

Diz ainda o caro irmão que a doutrina da reencarnação era crença dos pagãos; então os judeus eram pagãos, pois n'ella acreditavam, o que prova esta passagem:

«Que dizem elles (os judeus) que eu sou?—Elles (os apostolos) responderam-lhe: Uns dizem que *sois* João Baptista, outros Elias, e outros Jeremias ou algum dos prophetas; isto mostra claramente que os judeus, vendo os prodigios que Jesus fazia, julgavam que elle era a reencarnação de Elias, João, Jeremias ou outro qualquer propheta, pois tinham visto elle no berço e assistido seu crescimento, etc.

Quanto ao *inferno*, fica para quando tratarmos da segunda parte do seu folheto.

Ali vai um homem; acompanhemol-o; seu olhar pára aqui e ali n'uma florzinha ou n'um insecto; ora lança-se no espaço infinito; as vezes deixa entrever uns raios de alegria, outras vezes mergulha-se em profunda tristeza; é um livre pensador, que procura o *ser ou não ser* da existencia; acompanhemol-o; em seu cerebro vão surgindo estes pensamentos: não! não pode ser! então como poderia isto tudo se formar sem uma intelligencia superior, que a essa obra presidisse?!

Se para tirar de um bloco de marmore a estatua de um homem é preciso intelligencias como d'esses grandes artistas, quanto mais para fazer uma flor; não só as flôres, como tambem os insectos, as aves, como o aroma das flôres e o canto das aves!

O que é o aroma? O que é a melodia? Como se formam? Não! E' impossivel que não haja, que não exista um Creador infinito para o infinito.

Eu creio em um Auctor, em um Ente superior que tudo fez, embora me revolte diante de tantas anomalias; creio que Elle é justo e bom, que deve ter o infinito das perfeições; e se ha tantas injustiças n'este planeta, ellas devem ter como factor a grosseira de seus habitantes.

Adiante de uma palhoça ao pé do caminho por onde elle tem de passar, sae choro afflictivo de creança; ao chegar a porta da qual elle para, olha para dentro, e vê uma creancinha deitada sobre farrapos; suas mãosinhas ensanguentadas e todo o corpo coberto de chagas sangrentas dá uma idéa exacta do quanto soffre aquella creaturinha que ainda não sabe balbuciar—mãe: elle entra e fica petrificado diante d'aquelle quadro de dôr; parece mergulhado em trevas e horrores, só enxergando aquella dôr, quando uma voz lhe diz: oh meu amigo, por aqui?!

Elle cahindo em si, volta-se para o amigo e lhe diz: «erês que haja um Deus?»

«Será possível? que mal fez esta creança para assim soffrer?!»

Li na Biblia, pois ella merece algum respeito, esta parte de Ezequiel: A alma que tem peccado morrerá ella mesma; «o filho não soffrerá pela iniquidade do pai, e o pai não soffrerá a iniquidade do filho»; «a justiça do justo verterá sobre elle mesmo, a impiedade do impio sobre elle mesmo. Eu acho que se ha um Deus, sua lei deve ser assim; e se assim é, qual a causa deste soffrer?»

—Meu amigo, a Biblia, como dizeis, merece respeito; mas, como sabeis foi escripta em um tempo em que o homem não estava capaz de comprehender toda a verdade: os que escreveram-na então, tinham poucos conhecimentos; pondo em excepção as inspirações divinas, a Biblia está muito cheia de erros grosseiros, que não estão conforme com a luz que nos dão hoje a sciencia e as escripturas sagradas, mas que n'aquelles tempos foram de grande utilidade devido ao estado em que se achava a humanidade.

De maneira que podemos dizer como disse aquelle sabio grego: «sejamos amigos de Platão, porem sejamos ainda mais amigos da verdade»; assim, tambem respeitemos a Biblia, porem respeitemos ainda mais a Verdade.

«A verdade absoluta é uma e indivisivel—é Deus.

Todas as manifestações da verdade procedem do mesmo foco, do mesmo centro: a divina substancia. Quem busca a verdade, busca a Deus.» (Ler Roma e o Evangelho por D. José Amigó y Pellicer, pag. 14)

Os tempos da fé cega passaram, agora é o tempo da fé raciocinada: São Paulo nos diz:

«Examinae tudo e abraçae o que for bom.»

E por isso procuremos conciliar a justiça divina com este soffrimento; segundo a Biblia esta creança não está pagando peccados pelos outros; ella não tem peccados, pois ainda não sabe discernir entre o bem e o mal, e Deus é justo.

—Porque então soffre ella? Vejam s.

—Esta creança já viveu em outro tempo, já habitou a carne em uma outra existencia; talvez fosse um homem que deixou morrer seus filhinhos á miséria, quiçá por avareza. Nunca praticou a caridade.

Desincarnou ou como dizem morreu, e o remorso, que jamais deixa a alma culpada enquanto ella não é ferida com o ferro com que feriu, acompanhou-a na vida de alem-tumulo; ella, para vêr-se livre do agulhão,

isto é, do remorso, pediu a Deus permittir-lhe reparar suas faltas, porque o homem soffre sempre as consequencias de suas faltas; (vêr o Evangelho segundo o Espiritismo de Allan Kardec). Deus então permittiu-lhe vir nascer em uma familia pobre, da qual o che-fo havia de desencarnar bem cedo por ter finda sua missão, e sua mãe ter de estender a mão á caridade publica por ter sido inclemente com seu proximo, e para ella, por sua vez, soffrer as necessidades que fez os filhos soffrerem.

Depois ella pedirá a Deus para recommençar sua tarefa afim de vencer as faltas em que cahiu, podendo mesmo reparar-as nesta existencia. Diz Deus em Ezequiel:

—E' que eu quero a morte do impio? disse o Senhor Deus; e não quero eu antes que elle se converta e que se desgarre do máo caminho que trilha? (Cap. 28)

—Dizei-lhes estas palavras: Eu juro por mim mesmo, que não quero a morte do impio, mas quero que o impio se converta, que abandone seu mau caminho e que viva. (cap 33 v 2.)

Essa creança é um impio que se converte: pelo seu soffrimento pode-se calcular o mal que fez.

—Oh meu amigo, quanta luz lançaste sobre meu espirito!

Aquellas palavras de Jesus a Nicodemos? Como as comprehendo eu agora! Ch! é preciso nascer de novo!

O velho Job conhecendo suas iniquidades diz humildemente:

Quando um homem morre, vive sempre: acabando os dias de *minha existencia terreste*, eu esperarei, porque a ella voltarei de novo.

E aquelles de Isaias que dizem: «aquelles que de vosso povo fizeram morrer viverão de novo.» Oh! essas palavras provam claramente que o homem tem existencias successivas até sua completa perfeição.

Oh meu Deus! quanto sois grande, quanto vossas leis são justas e bem encadeadas! Perdoai-me meu Deus, se duvidei de vossa bondade.

A doutrina da reencarnação, caro irmão Hamilton, é a lente atravez da qual o homem pôde comprehender um Deus Justo.

Gloria a Deus!

MANOEL DA CUNHA.

SCIENCIA E MYSTERIO

III

(CONTINUAÇÃO)

Os espiritos imparciaes e justos não podem vêr malevolencia em nossas conclusões; mas, sim, a defeza da verdade e dos direitos universaes.

Os pontos do desconhecido scientifico são como um terreno por explorar. A sciencia pode desconhecer, mas pode vir a conhecer; quantas cousas não se desconheciam no tempo dos Pharaós, dos Herodes, dos Cesares, as quaes passavam por prodigios, milagres, mysterios, e, modernamente se conhecem muito bem? Ah! estão as grandes descobertas e invenções:—o magnetismo, a electricidade o vapor, etc.; e, em outra ordem de factos:—os ignorados continentes, as raças desconhecidas, a espheridade da terra, etc.; finalmente, eram tantas as cousas ignoradas e que não se ignoram mais, que seria quasi impossivel nomeal-as todas. Por-

tanto, a sciencia é ainda essencialmente progressiva; ao passo, que o dogma se conserva o mesmo e não caminha para a comprehensão. O dogma é por si uma palavra ultima; ao passo que todos sabem que a sciencia não disse a ultima palavra em qualquer das suas revelações; ao contrario, cada nova invenção é susceptivel de infinitos aperfeiçoamentos progressivos, cada nova descoberta vem mostrar que o que se sabia nada é diante do que resta saber, á vista do campo cada vez mais vasto, que se desenrola á contemplação do sabio e do philoso-

pho. O grande livro da Natureza se acha aberto á universal leitura, e todos os que o leem com lucidez, imparcialidade e sem prevenção de animo, todo espirito justo e recto não confundirá o mysterio com o que está por conhecer; e que por esse mesmo motivo se acha habilitado, e se impõe ao conhecimento;—conhecimento que homem algum poderá dizer o termo; mas, que por fundadas razões affirmamos, que como todas as ordens evolutivas, elle caminha, em nossas encarnações successivas, para o infinito, sem nunca conseguir attingil-o, porque o infinito deixaria de ser infinito se fosse attingido.

Assim é natural que se chegue a conhecer a justificação da razão de ser das cousas:—Deus, o infinito e a existencia:—a nossa e a dos mundos visiveis e invisiveis. E' o conhecimento d'essa justificação, que consideramos o dom da Graça, que constitue o unico lado, por assim dizer, mysterioso da Natureza, o que, repetimos, não é um dogma, e, si nos é vedado, é pela curteza de nossas faculdades presentes.

A só evolução infinita da intelligencia e das virtudes nos leva a crêr que se ha de chegar a esse conhecimento. E' ao que devem ter chegado os espiritos elevados na hierarchia da Milicia Celestial; taes como:—Jesus,—o director espiritual do nosso planeta,—e outros espiritos da sua elite. E' o que deve fazer o apanagio e a harmonia das humanidades dos planetas superiores das constelações do espaço immensuravel.

E' o que clama a razão recta e justa; é o que confirma a sciencia imparcial estendida até o estudo dos prodigiosos phenomenos do invisivel, sobre os quaes, dizemos com Wallace aos incredulos sem exame:

«Se ha uma cousa que a philosophia moderna ensina mais constantemente que qualquer outra, é que nós não poderíamos ter nenhum conhecimento *à priori* de phenomenos naturaes ou de leis naturaes. Mas, declarar que certos factos attestados por muitos testemunhos independentes são impossiveis, e partir d'essa declaração até se recusar ao exame d'esses factos quando a oportunidade se offerece, é mostrar uma pretensão ao conhecimento verdadeiramente *à priori* da natureza, ao qual universalmente se renunciou.»

Dizemos ainda com John Herschell aos pretenciosos:

«O perfeito observador, em qualquer ramo que seja da sciencia, deve ter os olhos forçosamente abertos sobre esta verdade: que elle pode achar-se, imprevisamente, em face de taes occorrencias, que, *segundo as theorias accéptas, não se devem apresentar*, e que são esses factos que servem de chave para novas descobertas.»

Ceará, Fortaleza, —Março—1902.

Antonio H. da Justa.